



Exmo. Senhor
Ministro da Educação e Ciência

Porto, 20 de Junho de 2012

Assunto: *Educação Física Escolar*

Senhor Ministro:

Face às notícias, veiculadas nas últimas semanas pelos órgãos de comunicação social, tomo a liberdade de enviar a V. Exa. um documento contendo um enunciado de razões, em defesa do atual Estatuto da Educação Física Escolar.

O documento representa a posição do Conselho Científico e de todos os órgãos de direção desta Faculdade acerca do assunto em causa.

Agradecendo a habitual boa atenção de V. Exa., apresento os melhores cumprimentos

O Diretor

(Jorge Olímpio Bento)

Professor Catedrático



Em Defesa do Estatuto da Educação Física: Enunciado de Razões

1. Obesidade, Inatividade, Relativismo e Ética Indolor

A prática das atividades desportivas, em sentido lato, expande-se a olhos vistos, em todo o mundo. Nunca como hoje foram tão altos os índices do seu consumo. Porém isto não permite afirmar que ela se tenha tornado um hábito da generalidade da população. Longe disso. Para o seu crescimento contribui sobretudo o aumento da adesão de grupos populacionais, tradicionalmente afastados dela. A abstinência continua a ser uma regra para alguns e noutros surge como uma tendência recente, a causar natural inquietação, até porque se mantém uma grave situação que regista níveis baixos, obviamente preocupantes, de ativação desportiva e de aptidão corporal.¹

No concernente aos mais jovens assiste-se, nomeadamente em Portugal, a desinvestimentos nas ofertas organizadas de atividade lúdica e desportiva, numa total desconsideração das consequências nefastas para os atingidos. Nesse quadro inserem-se situações ou ameaças de desvalorização do estatuto e do papel da disciplina de Educação Física e do Desporto Escolar, quer reduzindo o número de horas, quer indo ao cúmulo de lhe retirar o carácter obrigatório ou de riscar a sua existência. Acresce, nitidamente nas áreas urbanas, o desaparecimento das práticas lúdicas e desportivas espontâneas. Pelo que temos um número crescente de crianças e jovens com défices no capítulo da competência desportivo-motora, da condição corporal e da socialização,

¹ No caso dos idosos está ainda longe de ser convertido em adesão à prática o seu interesse pelo desporto, sobejamente evidenciado nas conversas do dia-a-dia.



com nítidas implicações para a saúde e os meios do seu fomento, sem esquecer afetações de outras dimensões essenciais da personalidade.²

Contra este panorama assaz negativo insurgem-se a *OMS-Organização Mundial da Saúde* e outras organizações empenhadas em campanhas de erradicação de várias doenças. Nesse sentido apelam ao reforço da Educação Física e da prática desportiva em programas voltados para a educação da saúde. No mesmo fito filiam-se os resultados de estudos levados a cabo por renomados especialistas, estabelecendo conexões entre o alastramento de certas enfermidades e as fracas expressões de atividade e aptidão desportivas e corporais.

A fazer fé nos dados fornecidos por essas respeitáveis fontes, tudo sugere que estamos a caminhar em todo o mundo em direção à *obesidade* como *epidemia* do século XXI. Esta é considerada nos países desenvolvidos, juntamente com a *inatividade física*, como o *principal problema de saúde pública* do nosso tempo. Atinge não apenas os adultos e idosos; penetra cada vez mais na população juvenil e infantil, afetando já muitos milhões de crianças com menos de 5 anos de idade. Consequentemente uma boa parte dos orçamentos da saúde é gasta em doenças provocadas pela obesidade. Esta é já a segunda causa de morte, envolve centenas de milhões de pessoas no mundo inteiro e tende a subir em flecha.

É preciso contrariar esta circunstância. A inatividade corporal e mental, agora reinante, convoca medidas urgentes para aumentar e melhorar o índice da ativação e da condição corporal das pessoas. Para tanto importa observar que o *ambiente obesogénico*, o relaxamento, a indolência e preguiça (no tocante a exercício e esforço corporais e mentais) alastram por toda a parte, constituindo uma *séria ameaça não somente à saúde, mas também e fundamentalmente à observância e realização de axiomas, princípios, valores e objetivos educativos e*

² Convém ter presente que a imensa maioria da população mundial vive em áreas urbanas e que a urbanização tende a crescer ainda mais, afetando as culturas e formas de viver.



sociais. O aumento do volume corporal é acompanhado da diminuição da densidade e teor moral dos indivíduos.

Isto é, o *ambiente obesogénico* toca e esculpe não apenas a fachada corporal; repercute-se de maneira indelével nos sentimentos, nas aspirações e valorizações, nas atitudes, expectativas e posturas, nos comportamentos e expressões, nos olhos, no coração e na alma. E é neste ambiente que crescem as crianças e jovens. É mesmo assim que os queremos educar?! É neste contexto marcado pela *'razão' indolente* que devem crescer?!

Sejamos assertivos: o *ambiente obesogénico* relaxado e indolente e o *relativismo cultural* caminham de mãos dadas com a *ética indolor*, desfraldando, de maneira exuberante e enfática, a bandeira dos direitos e facilitações e amarfanhando e esmagando, por completo, a dura mas imprescindível assunção das obrigações e deveres.

2. Investimento Ético e Pedagogia da Vontade

Há razões ponderosas para encarar a necessidade de melhorar o índice da ativação corporal e da condição física das pessoas. É manifesto e palpável que a epidemia da obesidade se casa com a *'razão' indolente* e que esta detém o predomínio, a prevalência e a primazia na atual conjuntura; e estende os seus tentáculos sem cessar.

Sim, é um fato incontornável que a avalanche obesogénica não se detém num ponto; alastra em várias direções, enredada em nexos de influência mútua. No plano ético repercute-se num vazio moral e num *cenário crepuscular*, ocupados pela *'ética indolor'*, pelo esquecimento e enfraquecimento da normatividade, dos compromissos, deveres e obrigações e pela exacerbação dos direitos e facilitações.

Não custa reconhecer linhas de causalidade e reciprocidade entre a envoltura obesogénica, a crise da ética, a debilidade ou *eclipse da vontade* e a *'cultura' da passividade*. Há, por isso, que intervir neste todo tão complexo, empregando instrumentos apropriados. Por outras palavras, para aumentar a possibilidade de sucesso da intervenção nos terrenos da obesidade e inatividade, da ética indolor e do relativismo, é

Curial investir no capital e no território da vontade. E esta tem um polo de excelência, dotado de singular potencial formativo: a Educação Física e o Desporto Escolar.

Se apurarmos a reflexão, o olhar e entendimento da sua função, vemos que a exercitação desportiva e corporal é uma pedagogia do esforço, da ação e vontade, tão necessária para reabilitar a escola e ajudar esta a cumprir a sua missão central; para que nela não se faça o que se quer, mas se queira e deseje aquilo que se faz. Os exercícios corporais e os atos desportivos são essencialmente exercícios espirituais, morais e anímicos, somente são físicos na aparência; na sua substância e consumação são sempre decisões volitivas, uma mobilização da vontade para buscar o que nos falta ou conservar o que temos. As mãos e os pés tentam fazer por fora aquilo que a razão e a alma, o ânimo e o coração idealizam e fazem por dentro. Deste jeito a arquitetura exterior do desempenho motor e do formato dos ossos, músculos e articulações está ligada à arquitetura interior da consciência e da vontade.

Mais alto, mais longe, mais veloz, mais resistente, mais forte! Não apenas no plano gestual e performativo, mas também e sobretudo no plano ético e estético, no moral e comportamental, no sentimental e espiritual. O lema olímpico exorta a fazer um uso sempre superior e renovado das nossas capacidades e possibilidades. Apela a que não nos contentemos com o pequeno, o mediano e o relativo; e ousemos subir cada dia mais um degrau, porquanto o absoluto e o infinito são a medida do Homem. É por isso que o apelo vai além do desporto; faz deste um emblema e um fator da educação e da vida, uma categoria antropológica.

3. A 'Batalha' da Escola

Os problemas atrás aflorados, no tocante às múltiplas e gravosas implicações do *ambiente obesogénico* e do *relativismo cultural*, constituem um teste à nossa lucidez. Desafiam-nos a intervir na paisagem educativa, a semeá-la de metas, de sonhos e de sentido humano. A substituir os apelos e lamentações por estratégias de atuação e responsabilização. O mesmo é dizer que a escola não pode

ficar indiferente face ao desenvolvimento da vontade e da capacidade de ação das nossas crianças. Se tivermos em atenção que o perfil do dia-a-dia de cada criança se distingue também pela diferença de tempo gasto em atividade desportiva e que o grau de inclinação para esta é resultante do processo de socialização; se a escola ignorar este facto e não fizer nada para criar uma atmosfera que motive para a prática desportiva os alunos mais fracos e carenciados em termos corporais e motores; se habituar estes à permanência no insucesso, na desilusão, na frustração, na resignação, marginalização e exclusão; se favorecer atitudes de subvalorização da Educação Física, de recusa e saída do desporto, então não surpreenderá que os jovens apresentem níveis baixos de aptidão física e de saúde.

Ora a educação funda-se precisamente na preocupação de enraizar uma cultura do apreço, da valorização e fruição da vida! A escola percorre este caminho quando nela há movimento, carga, trabalho, suor e esforço; quando há golos, cestos, pontos e remates; quando se corre, salta e luta; quando se vencem receios, complexos e medos; quando se enfrentam e ultrapassam barreiras e obstáculos; quando há otimismo e empenhamento; quando há desejo, gosto e oportunidade de exercitar, aprender e render; quando há regozijo na vitória e a derrota forja o ânimo e a determinação de tentar ganhar; quando agir, fazer e experimentar são os verbos preferidos, e desistir, não participar e estar fora de jogo são comportamentos proibidos; quando corpos grandes e pequenos, gordos e magros, fortes e débeis, velozes e lentos são iguais no gosto pela ação e pelo seu uso desportivo. Quando tudo isto contribui para que a prática desportiva se torne uma necessidade vital, integrante de um estilo de vida fomentador da saúde. E isto é possível! Logo, sendo possível, tem que merecer o nosso contagiante entusiasmo. A criação de um ambiente de exercitação corporal e desportiva pode ajudar a escola a recentrar-se na sua missão essencial e a encontrar os caminhos da cooperação com as instituições que comungam do mesmo destino. Pode ajudar a reintroduzir a convicção de que ela é um estaleiro de trabalho porfiado, de esforço persistente, de obrigações

U.

contínuas, de tarefas incessantes, de exercícios e repetições sem fim, de suor e afínco inevitáveis. Não se trata de uma oficina de terror e tortura, mas de uma instância de socialização numa cultura de rigor que não se compadece com facilitismo, relativismo, deixa-andar e nivelamento por baixo. A escola deve ser um estádio onde se valorizam méritos, vitórias e feitos e reconhecem fracassos, inabilidades e insuficiências. Onde se apuram os melhores e estimulam os outros a superar debilidades, embaraços e atrasos, para que não haja perdedores e todos sejam campeões na aventura da vida. Uma escola assim exalta o profissionalismo e seriedade de quem nela ensina, concita o entusiasmo e otimismo de quem nela aprende, eleva a relevância e utilidade do que nela se faz e gera o respeito e a admiração geral pelo que nela se alcança.

A Educação Física e Desportiva transporta, em si mesmo, esta cultura; fala-nos da entrega a causas e aspirações difíceis e superiores mas atraentes, da adesão voluntária a compromissos e princípios normativos, a riscos e agruras, a sacrifício e disciplina; evoca valores hoje assaz estranhos e decadentes. Não se faz nela o que se quer, mas quer-se aquilo que se faz. Nela é muito maior aquilo que é exigido e proibido do que aquilo que é tolerado e permitido. Cultivam-se nela mais deveres e obrigações do que direitos e permissões; isto é, os postulados e proibições, os imperativos e dificuldades sobrepõem de longe as autorizações e facilidades.

Ela é, por conseguinte, um campo da superação, do dinamismo, elevação e excelência e não um campo da vulgaridade, do laxismo, mediania e indigência. É intrinsecamente educativa, porque contém códigos, imaginários, fitos, conflitos e contradições, que suscitam apego e afeição, ponderação e emoção, paixão e razão.

Fernando Savater convida a situar na escola “o campo de batalha oportuno para prevenir males que mais tarde serão muito difíceis de erradicar.” A sociedade “deve reclamar a iniciativa e converter a escola em ‘tema de moda’ quando chega a hora de executar programas

coletivos de futuro... Caso contrário, ninguém poderá queixar-se e apenas lhe resta resignar-se ao pior ou falar no vazio.”³

Também no caso do combate das epidemias da inatividade, do *ambiente inestético e obesogénico*, relaxado e indolente, do *relativismo cultural*, da *ética indolor*, do *crepúsculo do dever* e do *eclipse da vontade* é preciso instituir na escola a principal frente de batalha, embora convidando a participar nela outros setores. À Educação Física e desportiva pertence um papel cimeiro neste empreendimento, porquanto agrega uma panóplia de valores e configura, fundamentalmente, uma filosofia e pedagogia da vontade.

O que está, portanto, em causa e corresponde a uma *genuína necessidade* é um alargamento da Educação Física como área educativa e como atividade relevante para o enriquecimento do sentido da vida; é a compreensão e concretização da sua missão ‘fenomenal’ e instrumental. Do que carecemos nesta hora, na educação e na vida, é de mais e melhor exercitação corporal e prática desportiva, de vontade e brio, de uma moral em ação.

Prescindir do desporto ou afrouxar na sua promoção e no cultivo do seu ideário equivale a empobrecer os cidadãos nas dimensões técnicas e motoras, éticas e estéticas, cívicas e morais, anímicas e volitivas; e a favorecer a proliferação do laxismo e relativismo, do individualismo e da indiferença.

Porto, 20 de junho de 2012

O Diretor da Faculdade de Desporto



(Jorge Olímpio Bento)

Professor Catedrático

³ SAVATER, Fernando (1997): *O VALOR DE EDUCAR*. Lisboa: Editorial Presença.